

As ASSIGNATURAS são de
28 por trimestre, 48 por
semestre e 88 por anno
para a Corte e Nictheroy.

O DOMINGO

As ACLAIMAÇÕES podem
ser remettidas à rua do
Príncipe dos Cajueiros
n.º 164 sobrado.

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Velasco

O DOMINGO

Agradecimento

Rio, 28 de Dezembro de 1873.

Agradecendo cordialmente a benevolia sympathia com que a *República* tem acolhido o nosso modesto periodico, cumpre-nos tributar ao digno redactor daquelle organo da imprensa brazileira os nossos respeitos pelas phrases de louvor, immerecido, que nos tem prodigalizado, tornando patentes aos nossos leitores essas phrases de animação.

Quando o elogio parte de pessoa tão autorizada como incontestavelmente é o Sr. Dr. Quintino Bocayuva, razão ha para ufanarmo-nos.

Eis o que elle disse ao receber os ns. 4 e 5 do *Domingo*:

« Foi ante-hontem distribuido o 4.^o numero do *Domingo*, jornal litterario de redacção e propriedade da exma D. Violante Ximenes. »

« Distribuiu-se hontem o 5.^o numero do interessante periodico, *O Domingo*. »

O Natal

O nascimento de Jesus-Christo, que nos paizes chris-tianos se commemora no dia 25 de Dezembro, hode ser sempre o quadro do maior alcance moral que se pode encontrar no livro da humanidade.

Não se trata simplesmente, commemorando-se esse dia glorioso, do nascimento de um homem purissimo, como a propria essencia da virtude; não se trata sómente de um bom homem sacrificado á furia dos maus pelo unico crime de se dizer filho de Deus.

Trata-se sim de um Homem que foi tão superior a todos os outros martyres do passado e do futuro quanto

superiores a de todos foram a sua pureza, o seu amor, a sua intelligencia.

Não bastou que Jesus-Christo nos tivesse fallado em nome de seu Pai. Era preciso que elle morresse amaldiçoado dos homens para que o seu nome se glorificasse.

Era preciso que Jesus-Christo, o Paradeto da nossa paz, morresse no lenho da Cruz, que, por ser a pena do peccado, era o unico meio da reconciliação, da regeneração, da immensa revolução que se devia aperar no mundo, depois da sua morte.

Ninguem disputa a Jesus-Christo o primeiro lugar entre os homens como Mestre de religião; e a vida e a morte de Jesus deve ter grande interesse para todo o homem intelligentes sob o aspecto social e historico; a sua vida immaculada, a sua pessoa, ás suas obras vivem nos corações de multidões, como o objecto da mais sagrada homenagem, e têm o interesse que sempre se liga ás grandes problemas de historia, e ás influencias que moldam os destinos do genero humano; e, portanto, não tomar interesse na vida de Jesus-Christo é ser, não diremos irreligioso, mas insensível á natureza e ás prestações d'aquelle maior força moral que jámais existiu no mundo.

O melhor meio de estudar a Christo é nas suas proprias palavras, e nas d'aquelles que previram a sua vinda ao mundo.

E quem estuda attenta e cuidadosamente essa vida se convence de que jámais houve quem ensinasse a verdade, mais pura e completamente do que o fez Jesus-Christo.

A'quelles que não ousam aproximar-se do Verbo—por um vago receio do Senhor, ou por vergonha,—diremos que o que Deus nos pede não é um medo que nos afugente D'elle, mas amor; que Jesus soffreu todas as nossas humilhações, e, pois, não temos de que nos en-

vergonhar; que se a palavra nos condenna é para nos melhorar e salvar, e não para nos perder, e, em summa, que longe de ser pezado o jugo do Christo é doce e suave.

A mãe

Uma mãe é o titulo mais ternio, mais doce, que ha na natureza, e o unico, que exprime por si só todos os sentimentos d'alma e ás mais sublimes e puras affeções.

E' o titulo que pode enobrecer mais a mulher na sociedade, e feliz d'quelle que o sabe occupar, cumprindo todas as suas obrigações; obrigações que suavissim o escabroso correr da vida, e faz supportar com resignação a desgraça que muitas vezes a acompanha.

O sentimento maternal, está além de todos as paixões humanas. Só uma mãe é capaz dos maiores sacrifícios, sem esperar outra recompensa além do seu proprio amor.

O homem donto trabalhando no seu gabinete, espera que o seu paiz perpetue a sua illustração.

O guerreiro, defendendo a Patria, exposto a mil perigos na guerra, levado pela gloria de seus feitos.

O amigo conta com a estima de seu amigo.

Só uma mãe ama seus filhos com verdadeiro desinteresse.

Feliz ou desgraçado, ama-o sempre, e se aquelle não precisa mais de sua protecção, este é amado então com um sentimento mais poderoso, a compaixão.

Pennas mais habéis que a minha tem tentado descrever esse amor más neuhuma chega á altura incomprehensivel de sua grandeza; porque só o coração da mãe o sabe sentir.

O amor, a amizade a gloria sempre tem um fim, que quando se não consegue dífinha; mas o sentimento maternal progride sem interesse algum.

Em todo o tempo o homem precisa da mulher, moi.

Criança para receber d'ella a vida, para sugar-lhe o leite, para adormecer no seu seio, para ser embalado pela sua terra; moço para cuidar delle desvelada eternamente; esposo para associar-se a todas as suas alegrias e penas; para acompanhá-lo, quando enfermo, á cabeceira de seu leito; para consolá-lo nas horas sombrias da desesperação; para glorificá-lo nos seus momentos de triunfo; velho para encaminhar seus passos, ella, mais idosa do que elle, quando elle tropeça; para apromptar-lhe a comida, e finalmente para ser seu guia até a hora extrema da vida.

A mãe extremoza vive da vida de seu filho, e com elle falla desde que o concebe.

Por elle, ella priva-se dos prazeres, renuncia á sua toilette, porque o seu unico desejo é que o fructo de suas entranhas se desenvolva no seu seio sem entraves.

E desde então espreita a seus menores movimentos, acompanha-os desveladamente...

A mãe é a creatura mais sublime que o Cinzelador do universo pôz sobre a terra... e ai daquelle que não sabe respeitar e amar aquella que lhe deu o ser!

O cabo electrico

O dia 24 do corrente assignala nos fastos da historia do Brazil um dos maiores acontecimentos!

A Inglaterra, a culta Inglaterra, vio nas azas do

Hooper saudar o Brazil, e comunicar a corte, não só com as provincias do Império, como tambem com a velha Europa.

Saudemos este glorioso triumpho para o nosso progresso, e reverentes nos prostremos ante os conhecimentos humanos que de dia a dia mais se alargam.

LITTERATURA

A um ramilhete secco

Coração murcho, flores secas, não sois irmãos?

Apenas colhidas de manhã, eil-as desmaiadas e caídas de suas hastes amortecidas. Que inão impia pôde, ao alvorecer, ceifar tantos entes tão encantadores e tão frageis?

Foi cruel aquella que, sem dô da vossa graca, da vossa belleza e innocencia arrancou-vos de vossos arbustos. Menos cruel ainda talvez do que a mão que me despedaçou para sempre!

Veio com apparenças seductorás, bella e arrogante, grande e nobre; caminhamos por algumas horas pela mesma vereda. Suas palavras eram tocantes e ternas, julguei-a uma enviada de Deus, liguei-me a ella, sorrio para mim, amei-a, mas esqueceu-me no caminho.

— Vós espargistes bellos perfumes.

— Eu dei a minh'alma.

— Pobres flores, que é feito dos nossos tesouros? As vossas brilhantes cores perderam-se para sempre. O meu semblante está desbotado. Esta noite lançare-vos-hão em atgum montão de cousas sem nome, e ninguem se lembrara da vossa ephemera existencia.

— Hontem, menosprezavam-me quando passava:

Lá vai o insensato, diziam, o seu genio evaporou-se sem produzir nada. Envelhecer antes de tempo; que fez elle da sua mocidade?

Os vossos calices perderam a sua frescura rosada, tristes despojos. Meus olhos não têm mais lagrimas! Flores, em que lugar nascestes? Fostes embaladas pelos zephiros? Foi assodada p'la tempestade que pela vez primeira abristes as vossas pétalas?

Qual foi o insecto que acariciou a vossa virgindade? Uma borboleta cõr de purpura ou azul? Um Marte vencedor, uma noiva casta, uma donzella esquiva ou uma pomba? Qual d'elles saboreou lentamente o vosso primeiro beijo de amor?

Já vistes aquelle que amastes, procurar outra felicidade a vosso lado? — Flores, sabeis o que é o soffrimento? — Sois insensíveis e creadas só para nosso prazer, dom explendido do creador à creatura!

Jovem e antiga verbera, sacerdotisa sagrada! A tua folhagem empallidece á vista de um trage de dô.

— A tua roupagem odorifera, tão fresca nos campos, assemelha-se agora a um sudario... Flor de lyz, foi junto a ti que aprendi a balbuciar o meu primeiro canto de amer; mas tu o ignoras, ou não guardaste d'isso a memoria... — Pallida verbana, que é feito do meu coração? — Foi para o céo envolto em teus perfumes? ou ficou no pó, entre as tuas folhas mortas, aos pés d'aquelle que nos amou? — Irá elle, atomo perdido, reunir-se ao sem numero de atomos de que se compõem o infinito? Terá razão para ali estar? ou teria para amar?

Roxa de Bengala, tu és a imagem do joven e impaciente desejo, logo que aspiras o sopro que te embriaga,

nas tuas mil petalas, morres : tu fenesces antes de teres perdido a lembrança das delícias que animaram a tua curta existência.

Tu nasces, gozas e morres; mas viveste; gozam a vida na sua plenitude e explendor.

Rosa de bengala, não invejas nada do homem porque elle consome-se em uma esperança sempre incerta; muitas vezes enganadora, ou envelhece sobrevivendo a sens desejos...

Tu acabas com as tuas.

Tu para seres feliz, o que precisas? Uma pouca de sombra e de orvalho; o céo t'os proporciona...

Creatura de uma hora a tua sorte é preferivel à nossa. Geranio encarnado, tu te assomelhas a um rei destronado, a um tyrano proscripto. Não mereces a minha sympathia, não obstante o aveludado das tuas folhas,

— Detesto o que impõe.

— Grande geranio, o que fizeste da purpura do teu manto? Os reis banidos perdem o seu prestigio; o que fezeste do teu?

Repugno o teu acre e corrupto odor; vegeterás ainda por instantes, mas o teu orgulho não pôde preservar-te da sorte de todos. Queres que te pranteie? Nada posso dizer, porque não me inspiras interesse.

Mangericão, flor balsamica, que as tuas folhas ainda reverdecem quando a rayz já está reduzida a pó; cahindo as tuas petalas uma por uma, ainda vives. — Assim é o homem: a sua esperança incessantemente fecunda, surge até das ruinas; de esperança em esperança renasce, embora envelheça.

Saudade roxa, quaes são os teus pesares? Posso ser o confidente de todos os teus sofrimentos, porque não os ha que eu ignore, desde os desgostos de affeições repelidas e trahidas, de dedicações renegadas, de confianças malogradas, até ao crepe do tumulo todos elles me acompanharam. — Saudade, vem abrigarte no meu coração, prefiro-te a todas as tuas irmãs, as mais bellas.

Já não pronuncio o teu nome, flor dos amantes, desde o dia em que aquella que eu amava te deu a mim por penhor. Que fazes tu entre estas folhas secas e des-truidas? Vens reviver a lembrança da minha desdita? Julgas que a esqueço, não; tenho a memoria do coração, e soffrendo por sua causa, amo-a sempre, e sempre d'ella me recordo... Se um dia, ella passeando pelo campo com outro amante, te encontrar em alguma praia risonha, faze com que a tua vista lhe desperte o passado; que se se commova e pranteie o exilado; dize-lhe ao ouvido, em queixa harmoniosa, o teu nome; o teu nome que ella outr'ora repetia com promessas que não soube cumprir.

Violeta, querida violeta, ó tu, que ella, toda risonha te guardava no seio; quantas vezes te apanhei murcha cahida d'aquele asylo: como eu te invejava! O' violeta! jamais pousarás sobre um coração mais forte e mais nobre... Fugio para o Norte, payz de gelo onde tu não saberias viver.

Ella fugio e tu floresceste depois da sua partida! Desde o dia que ella se foi, nunca mais a esperança me sorriu.

Felizes são as flores, porque de certo ignoram os sofrimentos.

Nobre perpetua, a tua nobre cabeca excede a todas as outras. As pintas douradas que brilham nas tuas roupas cor de amaranho, são o signal da mão do artista celeste! Tem a forma de uma chama, emblema da fé e da

caridade; quem ousaria aspirar á gloria sem partilhar de uma das tuas abrazadoras scentelhas!

Santo amor da humanidade, crença de melhor e mais puro futuro. O dia da redempção está próximo? Deveremos levantar eternamente nossas mãos supplices e cantar o *De profundis*?

Immortal amaranho, quando tu cordas a testa de um de nós, tem elle o direito de te cingir com lagrimas? Só ao poeta é dado o poder de nos contar os seus pezares? Qual é o peito que mais padece, aquelle que sofre calado ou o que exhala as suas queixas? Eu te separarei do meu ramilhete seco para dar-te o ultimo adeos. O verdadeiro sofrimento é mudo, e tu quero guardar o meu para d'elle embeber a minha triste e fiel alma.

Adeus pobre ramilhete seco, coração despedaçado, flores murchas, somos irmão e irmãs.

Pierre Couer.

Biographia de mulheres celebres

ALEXANDRA, filha de Hircano II, rei dos judeus. Casou-se com Alexandre, filho de Aristobulo II, de cujo enlace teve deus filhos; Aristobulo, que á idade de 17 annos foi por si as instâncias nomeado sacrificante e Mariamne, que foi mulher de Herodes.

Dotada de uma ambição desmarcada e desejos de governar, Alexandra conspirou contra o seu genro, que mandou encerrá-la em seu palacio.

Tentou mais tarde fugir com seu filho Aristobulo, e para este fim serviu-se de dous cofres, em os quaes foram ambos conduzidos para bordo de um navio que os esperava: porém Herodes conseguiu a tempo aprehender os dous cofres, e a seu turno foi ella feita prisioneira e cuidadosamente expiada.

Tendo corrido o falso boato da morte de Herodes, tentou ella apoderar-se da fortaleza de Jerusalém e do templo: porém os governadores fieis a um rei que sabiam que era vivo, oppozem-se aos seus intentos, e avisaram-n'o.

Herodes mandou-a matar, bem como a seu filho, no anno 28 antes de Christo.

ALICE, quarta filha de Thibaut IV, conde de Champagne casou-se com o rei Luiz VII, e foi a mãe de Philippe Augusto. Seu filho confiou-lhe a regencia, por occasiao de sua partida para a terceira cruzada.

Morreu em Pariz no dia 4 de Junho de 1206.

ALLART, (Maria Gay), litterata, nascida em Lyão, pelo anno 1750, falecida em 1821

Nascida de una familia de origem ingleza, recebeu uma educação mais solidia e esmerada do que a mór parte das mulheres do seu tempo.

Forçada apôz desgracas domesticas, a utiliar-se do seu talento para poder subsistir, veio a Pariz, e abi publicou algumas traduções de romances ingleses, entre ellas, a de *Leonor de Rosalba*, d'Anna Radcliffe, (1797) e dos *Segredos de familia*, de miss Peatt, 1799.

Mais familiarizada então com este gênero de literatura, escreveu um romance original, *Albertina de Saint Albe* (Pariz, 1818, 2 vol. in 12), que obteve bastante aceitação.

AMELIA, (Anna), princesa da Prussia, irmã de Frederico II, nascida em 1723, falecida em 1787.

Attrahida para o estudo da musica por uma verdadeira vocação, estudou sob a direcção Kirnberger, e deu provas de um dos mais notaveis talentos.

A mais importante das suas produções é uma oratoria, a *Morte do Messias*, para a qual escreveu Ramler o poema.

AMELIA, duqueza de Saxe-Weimar, nascida em 1739, falecida em 1807.

Filha do duque Carlos de Brunswick-Wolfenbultel, contraiu nupcias com o duque reinante de Saxe-Weimar, Ernesto-Augusto-Constantino, mas pouco depois ficou viúva, tendo então apenas 18 annos de idade.

Com tão pouca idade tomou ella as redevas do governo como tutora de seu filho Carlos-Augusto, e administrhou seus estados com uma sabedoria invejável.

Protectora decidida e extremosa das sciencias e artes, attrahiu à sua corte os homens mais distintos d'Allemânia, taes como Goethe, Herder, Boettiger, Schiller, Wieland, e confiou a este ultimo a educação de seu filho.

Em 1775 depôz nas maes de Carlos-Augusto a autoridade da qual tão bem soube usar.

Em 1788, fez em companhia de Goeth, uma viagem a Italia, que ainda mais veio n'ella acceder a sua predileccão para as artes.

Os seus ultimos annos viveu nos seus castellos de Esterburg e de Tiefurt.

REVISTA THEATRAL

Theatro Lyrico Fluminense

Fez a sua estréa n'este theatro, quinta-feira, a companhia dramatica, da qual é director de scena o actor Peregrino.

Escolheram para a sua primeira recita o drama—*O naufrágio da fragata Medusa*; com quanto seja um drama antigo, o seu desempenho foi satisfactorio.

Os principaes papeis foram confiados aos Srs. Fraga, Peregrino, Maia e Silveira, e as Sras. Jesuina e Velluti.

PARTE RECREATIVA

Salada de palavras

As boas idéas são como os botões de camisa: muitas vezes nos faltam.

E' bem raro que um pintor saiba pintar as *figuras*... de rhetorica.

Consta que os ultimos momentos de Tacito foram *taciturnos*.

E' melhor *sair* para a rua... do que fôr do serio.

Quero antes dormir no meu *leito* da que no *leito* de um rio.

Se fosse mulher quizera chamar Magdalena, para ter sempre a intenção de me arrepender.

Os medicos fazem curas: os vigarios sollicitam-nos.

Conheço dous pretos que fazem versos: uns e outros são lures.

A chave abre a porta: a agua de Seltz o appetite e o presidente da camara a sessão.

Prefiro uma Florentina sendo moça a uma flor em vaso.

Resposta ao pé da letra

Um soldado da legião francesa na Alegria, tendo-se afastado um pouco do seu batalhão, foi feito prisioneiro pelos Kabyles, e conduzido à presença do cheik.

— Não tens vergonha, diz-lhe este, [de servires por dinheiro? Nós só servimos pela honra.

— Tendes razão, responde-lhe o soldado frances. Nós pelo dinheiro, vós pelo honra: cada um de nós por aquillo que mais lhe falla.

Motte dado pela Exma. Sra. D. M. do M. S.

Trinava o doce canario.
Meu pranto por ti se ouvia.

Achando-se o tempo vario
Em uma floresta sombria,
Contente ao romper do dia,
Trinava o doce canario,
N'esse bosque solitario.
Aonde ninguem me via,
Eu saudoso estremecia,
Comtigo no pensamento,
Ao som da chuva e do vento
Meu pranto por ti se ouvia.

Tanto estes versos como mais alguns que por falta de espaço deixaram de sahir n'este numero foram obsequiosamente oferecidos á redacção por um dos nossos assignantes.

Charadas

Ave. . . .	2
Quadrupede . .	1
Moeda.	

Quem os teus dotes contasse,
Mulher, anjo, amor, portento, 2
Se a conta lhe não falhasse,
Encontrava bem um cento.

Se ao cavallo com tal laço,
Um pé a cutro ligar, 2
Só durante curto espaço
Hade o triste caminhar.

CONCEITO

Tem pelo e tem pontas, que move a vontade;
Tem pernas immensas, e é feia a valer;
Em casarões velhos, e na escuridade,
E' onde, e só quando, costuma aparecer.

A decifração das charadas do numero antecedente é: a 1º, Terceira—a 2º, Palhaço—a 3º, Regata—a 4º, Cantagallo.